



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III - (DCH III)  
COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM MULTIMEIOS

## **RESENHA CRÍTICA DO FILME “MARCAS DA GUERRA” (2005)**

JUAZEIRO – BA  
OUTUBRO – 2012

AMANDA SANTOS DA COSTA SILVA

## **RESENHA CRÍTICA DO FILME “MARCAS DA GUERRA” (2005)**

Trabalho apresentado como requisito de avaliação parcial à disciplina Temas Especiais, ministrada pelo Profº.Luiz Adolfo Andrade.

JUAZEIRO – BA  
NOVEMBRO – 2012

## **“Marcas da Guerra” - Sob as sombras do conformismo**

Um dos maiores confrontos do mundo, a II Guerra Mundial, tornou-se novamente temática para o filme “Marcas da Guerra” (Sorstalanság), lançado no ano de 2005. Adaptação do romance autobiográfico “Fatelessness”, de Imre Kertész – que ganhou o Prêmio Nobel de literatura em 2002 – o drama instiga ao expectador a imaginar, por meio do olhar juvenil do personagem principal, sobre os sentimentos dos judeus no período do Holocausto. Esta é a primeira produção cinematográfica dirigida por Lajos Koltai, cineasta húngaro, que se ateuve aos detalhes do romance em sintonia com a prática da sua função anterior, Diretor de Imagens.

György Köves (Marcell Nagy) é um adolescente húngaro, de 14 anos, que se depara com a vida nos campos de concentração em pleno Holocausto. Inicialmente, seu pai é convocado ao campo de trabalhos forçados, da qual a cena marca o início do círculo afetivo como símbolo de união judaica e conformismo do próprio destino. O jantar de despedida entre familiares, amigos e vizinhos acentua o que foi considerado, na fala dos personagens como o “destino judeu”: a presença da estrela amarela do lado esquerdo do peito identificando-os, sendo motivo de desgosto e antipatia.

Foi bastante curioso e criativo a forma do roteiro ter seguido à cena em que Ana Maria, vizinha da família Köves, está aos prantos por saber que a estrela é o motivo de aversão pelas outras pessoas sobre todos os judeus. O plano aberto indica um vazio, uma extensão das dúvidas da menina: a sala extensa, bem ornamentada requer dizer que a família possui bens, mas isso não é o bastante para serem felizes. Acredito que sua última pergunta, sobre a religião judaica, seja o ponto chave do desenrolar do filme: “O que isso significa?”.

Logo em seguida, György é enviado para trabalhar como pedreiro numa olaria, mas seu ônibus e muitos outros são parados por um policial que obriga a todos àqueles que estão com a estrela amarela descerem, aos quais são encaminhados aos campos de concentração da Polônia, Alemanha. Não obstante da história, o jovem perpassa por diversos campos, como o famoso *Auschwitz-Birkenau* (um dos maiores centros de tortura trabalhista, Auschwitz II). Lá, ele e os

demais prisioneiros recebem um uniforme listrado, com um triângulo amarelo (simboliza os judeus): no uniforme do garoto, o triângulo possui a letra U (húngaro) e um número, 64.921 (seu novo nome), que o identifica dentre os demais.

A partir de então ele sente o peso do trabalho forçado, a fome, doenças, frio e a saudade, vaga esperança, de retornar para sua cidade natal. Quem mais o motiva, cuida e oferece laços de amizade é outro prisioneiro chamado Bandi Citrom (Áron Dimény), que o ensina a ter autoestima e perseverança, pois estas seriam as duas razões para serem agarradas como fonte de fé para retornar pra casa e “andar pela rua Nefelets”. Bandi é a representatividade de confiança, esperança de dias melhores, como também é uma forma de apego ao passado, o conformismo atual.

Uma das cenas mais marcantes, dentre tantas outras, é o olhar vazio e ao mesmo tempo perplexo de György ao ver suas mãos machucadas, calejadas pelo trabalho pesado. A luz no espaço pelo qual o garoto se encontra ambienta sentimento de tristeza, cansaço, desgosto pela vida; a impressão que fica pelo plano detalhe nas mãos e no rosto do jovem é a possível imagem das lembranças de casa, dos familiares, da cidade iluminada como bem descreve seu amigo Bandi.

A chuva, como é apresentada desde o início do filme, torna-se signo de liberdade, ou melhor, símbolo de reflexão sob o contexto apresentado nas cenas. Para cada enquadramento com a chuva, os planos gerais sugerem uma visualização do local como o problema e não de determinados personagens como vilões, além dos planos detalhes que evidenciam características (expressões, na maioria das vezes) humanas do que tange aos sentimentos de amargura, dor e saudade.

A pequena participação de Daniel Craig, como um soldado americano, traz à tona a imagem dos Estados Unidos como a solução para a guerra. Logo após a ocupação dos campos e retirada dos nazistas, seu personagem tenta induzir o garoto à viajar para Suíça ou Suécia em busca de estudos, o que poderia acarretar uma possível ida para América vislumbrando uma vida melhor. Porém, György está convencido de que voltará para Budapeste e reencontrará seus entes queridos, afinal ele sempre foi livre, mas não teve autoridade para exercer sua liberdade.

O final do filme é simplório e remete a expectativas futuras. De agora em diante, para onde o garoto irá? Como retomar a antiga vida ou qual será seus primeiros passos para a vida nova? De certo, o roteirista deixa explícito o viés da perseverança pela última fala: “Se alguém me perguntar sobre o que sofri, falarei das alegrias nos campos. Se alguém perguntar, é claro!”.

Não há artigos reflexivos sobre o longa-metragem: críticas, resumos, ou sínteses foram apresentadas para explicar a produção fílmica. Aparentemente, os filmes que merecem destaque hoje em dia são as grandes realizações de Hollywood; isso impede de que outros longas ganhem visibilidade em diferentes países e atenuação diante da temática tão polêmica e marcante na história de toda humanidade. Ainda assim, sua repercussão rendeu exposições em diversos festivais como: Festival de Cinema de Telluride, Festival de Filme Judaico em Boston, Festival de Cinema de Woodstock, Festival de Berlim (*Berlinale*) da qual concorreu ao Urso de Ouro de Berlim e muitos outros.

Produzido pelo próprio romancista, o filme transmite indagações de forma indireta sobre o que sabemos e o que vimos na tela. O que se passou na cabeça de um jovem judeu durante o Holocausto? Para eles, porque a estrela amarela os tornava tão diferentes, se todas as pessoas são iguais? Como os vizinhos das famílias judaicas reagiram diante da “força ariana”? Como conter a raiva, o rancor, e viver às margens do conformismo? Não há respostas concretas para isso, apenas possíveis insinuações.

A poética ao longo dos 134 minutos de “Marcas da Guerra” mostra que este não é para ser mais um rolo de filme guardado, mas um conjunto de imagens para discussão e pesquisa sobre os judeus durante esse período; é uma fonte de representatividade da crueldade difundida por um homem e seguida por tantos outros por vontade, obrigação ou apenas pelo sentimento do “dever com a nação”.

## REFERÊNCIAS

WIKIPÉDIA. **Lajos Koltai**. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Lajos\\_Koltai](http://en.wikipedia.org/wiki/Lajos_Koltai). Acesso em: 25 de outubro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Fateless**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Fateless>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.